



RIO+20: ANTECEDENTES DA “DÉCADA DA INDIGNAÇÃO”?¹

THE UNITED NATIONS COMMISSION ON SUSTAINABLE DEVELOPMENT
(UNCSD/RIO+20): BACKGROUND TO THE “DECADE OF OUTRAGE”

Maria Rita Villela

Doutora em Ciências Sociais (PUC-Rio, 2015), mestrado em Antropologia e Desenvolvimento pela London School of Economics (LSE) em 2007, bacharel em Ciências Sociais (PUC-Rio, 2005). Atua como professora, pesquisadora, cofundadora e diretora de pesquisa no Instituto de Educação Socioambiental Educadores Valores Aprendizados (E.V.A.).

¹ Dedico este artigo à memória da saudosa Professora Santuza Cambraia Naves e da querida colega Marielle Franco e agradeço às generosas leituras críticas da antropóloga, professora e pesquisadora Marisol Rodríguez Goia (EBAPE/UFRJ) e da arquiteta, historiadora e professora Denise Fonseca.

RESUMO

O artigo registra a relevância do Rio de Janeiro enquanto local de disputas e construções políticas. Precisamente um ano antes das Jornadas de Junho, a cidade foi sede de uma mobilização de escopo mundial, a Rio+20. Ainda que se possam criticar as diferentes motivações e interesses de alguns grupos que participaram desse evento, o próprio encontro é um ebulidor de contestação e transgressão, ao abrigar uma ampla gama de atores sociais para discutir desenvolvimento sustentável e os rumos planetários. Assim, o artigo recupera os registros histórico-etnográficos feitos em 2012 para rememorar o modo como a cidade já havia entrado em um circuito de mobilização mundial um ano antes das Jornadas de Junho. Por se tratar de uma etnografia localizada no Rio de Janeiro, o artigo costura as descrições dos eventos com aspectos envolvendo a relevância histórica dos locais onde ocorreram. Dessa forma, espera-se contribuir para estudos interessados em articular dimensões históricas, políticas e urbanas nessa cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rio+20; antropologia; desenvolvimento sustentável; história; Jornadas de Junho.

ABSTRACT

This paper registers the relevance of Rio de Janeiro as a place of disputes and political constructions. Precisely one year before the Jornadas de Junho, the city hosted a worldwide mobilization, Rio+20 (UNCSD). Although one can criticize the different motivations and interests of some groups that participated in this event, the meeting itself is an effervescent point of contestation and transgression, as it shelters a wide range of social actors to discuss sustainable development and planetary directions. Thus, the paper recovers the historical-ethnographic records made in 2012 to remember how the city had already entered a world mobilization circuit a year before the Jornadas de Junho. Because it is an ethnography located in Rio de Janeiro, the paper combines the descriptions of events with aspects involving the historical relevance of the places where they occurred. In doing so, it expects to contribute to studies interested in articulating historical, political and urban dimensions in this city.

KEYWORDS: Rio+20 (UNCSD); anthropology; sustainable development; history; brazilian 2013 protests.

“Trouble is an interesting word. It derives from a thirteenth-century French verb meaning ‘to stir up’, ‘to make cloudy’, ‘to disturb’. We—all of us on Terra—live in disturbing times, mixed-up times, troubling and turbid times. The task is to become capable, with each other in all of our bumptious kinds, of response.”²

Donna Haraway

Staying with the Trouble, 2016

A ocasião dos 10 anos das Jornadas de Junho é oportuna para reconhecer a cidade do Rio de Janeiro como palco privilegiado de manifestações e eventos com repercussão nacional e internacional. Cumpre recordar que foi nessa cidade que uma relevante manifestação contra o aumento das passagens de ônibus municipais de 2,75 para 2,95 reais irrompeu no dia 10 de junho de 2012, ato que foi seguido por outra mobilização nos dias 13, 16 e, a mais numerosa até então, no dia 17, todas elas resultando em ocupação das ruas e confrontos violentos com a polícia. Finalmente, no dia 20 de junho, o Rio de Janeiro foi sede de uma mobilização que reuniu mais de um milhão de manifestantes, contestando não apenas aqueles 20 centavos.

Este artigo visa registrar a relevância do Rio de Janeiro enquanto local de disputas e construções políticas. Precisamente um ano antes das Jornadas de Junho, a cidade foi sede de uma mobilização de escopo mundial, a Rio+20. Ainda que se possam criticar as diferentes motivações e interesses de alguns grupos que participaram desse evento, o próprio encontro, sendo sediado no Rio de Janeiro, é um ebulidor de contestação e transgressão, ao abrigar uma

² “Problema é uma palavra interessante. Deriva de um verbo francês do século XIII que significa “agitar”, “tornar turvo”, “perturbar”. Nós – todos nós na Terra – vivemos em tempos perturbadores, tempos confusos, tempos problemáticos e turvos. A tarefa é nos tornarmos capazes, uns com os outros em todos os nossos tipos arrogantes, de resposta” (minha tradução).

ampla gama de atores sociais para discutir os rumos planetários. Assim, faz-se necessário recuperar os registros histórico-etnográficos feitos em 2012 para rememorar o modo como a cidade já havia entrado em um circuito de mobilização mundial um ano antes das Jornadas de Junho.

Sabemos que em termos de análise histórica, 10 anos é pouco e não conseguimos ainda estabelecer todas as análises explicativas e interpretativas dos efeitos das Jornadas. Mesmo sem afirmar uma relação de continuidade direta entre as duas ocasiões, retomamos esses registros para, por um lado, reconstruir as memórias culturais e políticas do Rio de Janeiro enquanto arena de mobilização internacional, e, por outro, sinalizar para esse fenômeno que precisa ser rememorado para a construção de possíveis hipóteses e conexões com a atmosfera das Jornadas de Junho que ocorreram um ano depois.

De saída, em comum, ambas as ocasiões engajaram setores variados da sociedade local, nacional e internacional. Também as duas foram marcadas por uma grande diversidade na natureza de pautas, atores e agendas. Ainda assim, a relação de continuidade entre essas duas atmosferas de reivindicação política carece de maior explicação, bem como sabemos que não está ao nosso alcance a total compreensão das repercussões das Jornadas de Junho para o nosso momento. Por se tratar de uma etnografia localizada no Rio de Janeiro, o artigo costura as descrições dos eventos com aspectos envolvendo a relevância histórica dos locais onde ocorreram. Dessa forma, espera-se contribuir para estudos interessados em articular dimensões históricas, políticas e urbanas nessa cidade.

Depois de oferecer um breve panorama do conceito de “desenvolvimento sustentável”, sobre o qual se debruçou a Rio+20, seguirá uma descrição em estilo etnográfico de diversos espaços que compuseram o complexo de eventos naquele junho de 2012, com reflexões sobre atores e as agendas que protagonizaram acontecimentos naquelas duas semanas. Caso se note alguma assimetria no tom e no tamanho dos relatos que favoreçam os

ambientes científicos e da sociedade civil, cabe destacar que, na ocasião do trabalho de campo, eram essas arenas às quais eu pertencia, por um lado, como estudante de doutorado, e, por outro, como pesquisadora em um instituto de pesquisa da sociedade civil. Isso posto, deixo ao leitor a tarefa de criar pontes com os acontecimentos de junho de 2013, pois meu trabalho original buscou apenas descrever densamente como se deram alguns eventos da Rio+20, considerando o papel da antropologia como:

Ciência que estuda as diferenças de cultura e as formas de articulação da vida social e simbólica dos vivos que compartilham uma só e mesma natureza mas que não param de se diferenciar no modo de expressar e de interpretar essa natureza. Graças à ecologia, estamos acostumados a imaginar fora das cidades um equilíbrio milagroso que permite a anatomias e fisiológicas incompatíveis a se associarem sem que ninguém tenha que escolher uma solução alternativa, portanto sem nenhuma necessidade de simbolizar essa mesma comunidade. A antropologia, ao contrário, jamais deixou de sublinhar que, quando indivíduos se associam ou coabitam, nunca é por causa de mecanismos espontâneos associados à vida física ou química da matéria, mas graças a uma série de atos simbólicos constantemente expostos ao arbítrio e à mudança. (KOPENAWA; ALBERT, 2022)

Desenvolvimento sustentável tem sido disputado por diversos atores desde que o conceito foi introduzido em 1987, na publicação *Nosso Futuro Comum*, também conhecido como Relatório Brundtland. Em sua definição original, “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1991, p. 46). Polissêmico, a depender do contexto em que surge, ganha novas roupagens,

problemáticas e desafios. Sua apropriação por diferentes setores da sociedade e a subsequente disputa por legitimidade de seu uso ganhou sua dimensão mais explícita nas conferências das Nações Unidas que seguiram; mais especificamente a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED, conhecida como Eco-92), no Rio de Janeiro, em 1992, e, posteriormente, na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (conhecida como Rio+10), em Joanesburgo, em 2002.

Diante da crescente constatação da inexorabilidade da morte e da destruição do planeta autoinfligida por determinados setores da sociedade moderna-capitalista, imaginar futuros alternativos foi, novamente, o mote da convocação das Organizações das Nações Unidas para a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD). A Rio+20 marcou os 20 anos da Eco-92. Passada mais de uma década, com eventos como a Copa do Mundo, as Olimpíadas, as Jornadas de Junho, o impeachment da Dilma, a ascensão da extrema-direita, o assassinato de Marielle Franco e de mais de trezentas lideranças ambientalistas, o bolsonarismo, e derivações dos movimentos Black Lives Matter, Occupy e afins, e – sobretudo – uma pandemia e uma consequente recessão econômica, ecos desse passado nos convidam a refletir sobre aquele momento e o que ele podia antecipar sobre a década seguinte, alcunhada de década da “indignação” (CASTELLS, 2013).

No que toca à temática socioambiental, mais especificamente, nesses últimos onze anos, tivemos alguns eventos relevantes na arena internacional que ajudaram a colocar as mudanças climáticas e o desenvolvimento sustentável no centro, ou menos à margem, das agendas institucionais governamentais, empresariais e da sociedade civil. Podemos destacar o início da vigência dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (chamada também de Agenda 2030), cuja vigência vai de 2015 a 2030; a Encíclica Laudato Si', que chama a comunidade católica à ação em relação aos cuidados da “Casa Comum”, e a COP21, que resultou no Acordo de Paris, o primeiro e mais relevante comprometimento das Nações Unidas à transição para uma



economia de baixo carbono. A esse evento seguiu-se a eleição de Donald Trump, que nos primeiros dias de mandato retirou os Estados Unidos de tal acordo, por pressão de grupos de interesse ligados à indústria petrolífera, – comprovando a relevância do tema –, fato esse que foi seguido, na prática, a julgar pela política ambiental de sua gestão, pelo ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro. Tais retrocessos na política internacional climática só não se fizeram sentir mais devido às iniciativas voluntárias, – de governos subnacionais e sobretudo de empresas privadas –, de seguirem suas agendas rumo à descarbonização da economia. Contudo, é evidente que a falta de políticas públicas condizentes prejudicou em muito o avanço desses compromissos.

Por tratar-se de tema controverso, proponho olharmos para todos esses acontecimentos, antigos e novos, com a inspiração de Donna Haraway em *Ficar com o problema* (cujo original é *Staying with the Trouble*):

Ficar com o problema requer que façamos coisas esquisitas; ou seja, precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em pilhas quentes de compostagem. Ou nos tornamos um com o outro ou nada feito. (HARAWAY, 2016a)

Nesse livro, a autora, ao fazer analogias com a biologia, propõe a adoção do conceito de “Chthuluceno”³ com base na observação de que a origem da celularidade complexa na terra seria um evento endossimbiótico, no qual algumas bactérias ou pequenas criaturas comeram outras, tiveram uma indigestão e passaram a conviver umas com as outras. Conclui-se que esse fenômeno celular que permite o desenvolvimento de sistemas complexos, à

³ Donna Haraway propõe o uso de Chthuluceno no lugar do já difundido Antropoceno: “Chthuluceno é uma palavra simples. É um composto de duas raízes gregas (khthôn e kainos) que juntas nomeiam uma espécie de espaço de tempo para aprender a ficar com o problema de viver e morrer em responsabilidade por uma terra danificada” (Haraway, 2016b).

qual a autora equipara a sociedade, seria uma “indigestão ativa” exigente de uma “simbiose obrigatória” (HARAWAY, 2016a).

Este artigo é desenvolvido com base em um capítulo da minha tese de doutorado “Rio+20: um estudo sobre narrativas de desenvolvimento sustentável e fim de mundo”, defendida em 2015, mas baseada no conjunto de eventos ocorridos em junho de 2012 por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. O objetivo aqui é buscar nesse relato etnográfico passado sobre os diversos eventos promovidos pelas Nações Unidas, governos, empresas e sociedade civil, chaves para compreender eferescências sociais que se deram exatamente um ano depois, em junho de 2013, nos acontecimentos hoje conhecidos como Jornadas de Junho (BRAGA, 2013). Tal tarefa etnográfica original teve como principal motivação o entendimento do significado e da função social dos diversos eventos dessa reunião internacional por meio de seus respectivos discursos ou representações sociais, entendendo o que elas, cada qual à sua maneira, tinham a dizer sobre desenvolvimento sustentável e sobre a sociedade global em que vivemos.

A investigação concentrou-se em eventos ocorridos no espaço de duas semanas em junho de 2012, além de alguns encontros preparatórios para a Cúpula dos Povos organizados por movimentos da sociedade civil.

Os eventos observados foram:

- O Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, promovido pelo Conselho Internacional de Ciência (ICSU), ocorrido no ginásio da PUC-Rio, entre os dias 11 e 15 de junho;
- A Cúpula dos Povos na Rio+20 pela Justiça Social e Ambiental, de 15-23 de junho;
- Alguns eventos corporativos em torno do tema sustentabilidade que ocorreram em diversas partes da cidade, mas sobretudo no Forte de



Copacabana, no Humanidade 2012, e no Hotel Windsor na Barra, no chamado “Fórum de Sustentabilidade Corporativa”; e

- A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD), que reuniu chefes de Estado e lideranças governamentais no Riocentro por três dias, entre 18 e 20 de junho de 2012.

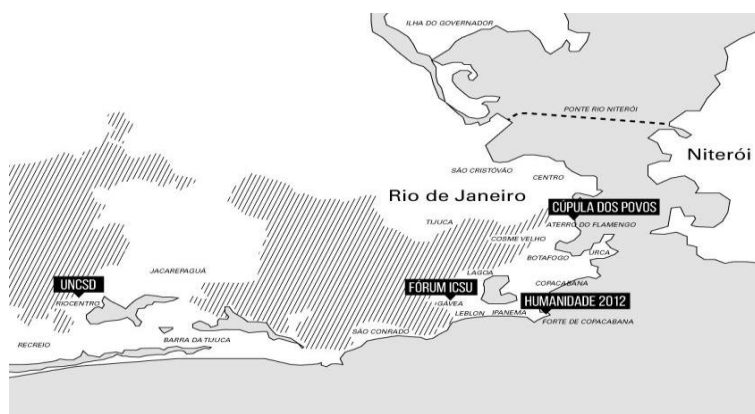
Caracterizado por sua multiplicidade, num formato que mostra dificuldade para o diálogo, naquilo que pode ser resumido como “um fala, e o outro não escuta”, veremos adiante um exercício da antropologia como uma “forma privilegiada de política”, sendo “a um só tempo o encontro de diferentes saberes e o saber do encontro” (KOPENAWA; ALBERT, 2022). Em vez de pressupor uma possível convergência, consenso ou harmonização entre diferentes narrativas, lidar com cenários assumidamente infecciosos e indigestos desses desafiadores encontros entre diferentes visões de mundo talvez ofereça uma perspectiva mais realista.

No meio científico presenciei encontros até então praticamente inéditos – no âmbito de eventos científicos – entre cientistas de grandes centros universitários e de pesquisa internacionais e detentores de conhecimentos tradicionais (chamados também de povos autóctones ou indígenas), cuja interface deixou clara suas diferenças de linguagem. Entre os economistas, se confrontavam de um lado os desenvolvimentistas e do outro os economistas ecológicos ou os defensores do “decrecimento”. No campo empresarial, observou-se a vontade de mostrar feitos na direção de políticas empresariais de governança social e ambiental sem necessariamente se apresentar indicadores que comprovassem o que as belas narrativas de marketing veiculavam. Dentre movimentos da sociedade civil, a evidente convivência, nem sempre harmônica, entre os movimentos ambientais, sociais, socioambientais, e as diversas agendas que cada um desses evoca como biodiversidade, mudanças climáticas, desigualdades etc. Finalmente na

conferência oficial da ONU, a diplomacia tentava dar conta daquela torre de babel, onde o roteiro oculto das intenções de alianças intergovernamentais, interesses econômicos e desejos de alinhamentos geopolíticos estratégicos davam o tom das movimentações para além dos discursos protocolares que não fugiam do esperado.

Temos a seguir um mapa dos espaços percorridos ao longo da incursão etnográfica, que podemos caracterizar da seguinte forma: espaços geograficamente distantes, setorialmente separados, institucionalmente polimorfos, internamente diversos e ideologicamente múltiplos e heterogêneos, todos buscando respostas na direção de uma perspectiva melhor para o futuro do planeta. Resta-nos indagar em que medida as sementes dos eventos de junho de 2013 já poderiam estar sendo plantadas, ou se ao menos as divisões e os ruídos ali observados já seriam pistas do que se veria mais adiante.

Mapa dos eventos visitados durante o trabalho de campo na Rio+20, em junho de 2012, no Rio de Janeiro



Fonte: ?

O International Council for Science (ICSU) foi fundado em 1931 com o objetivo de “promover a atividade científica internacional nos diferentes

ramos de ciência e sua aplicação em benefício da humanidade” (ICSU, 2014; tradução livre). O ICSU é considerado uma das mais antigas organizações não governamentais do mundo, sendo fruto da expansão de duas organizações anteriores, a Associação Internacional de Academias (1899-1914) e o Conselho de Pesquisa Internacional (1919-1931). Em 1992 e em 2002, o ICSU foi convidado como principal conselheiro científico da Eco-92 e da Rio+10.

Hoje o ICSU abarca 121 membros científicos nacionais, que representam 141 países e 31 uniões científicas internacionais. Seus objetivos são: 1) identificar e abordar questões de maior importância para a ciência e a sociedade; 2) facilitar a interação entre cientistas de todas as disciplinas e de todos os países; 3) promover a participação de todos os cientistas, independentemente de etnia, cidadania, língua, posicionamento político ou gênero — em esforços científicos internacionais; e 4) oferecer conselhos independentes e com autoridade para estimular o diálogo construtivo entre a comunidade científica e os governos, a sociedade civil e o setor privado (ICSU, 2014; tradução nossa).

O Fórum ICSU ocorreu no ginásio da PUC-Rio entre os dias 11 e 15 de junho de 2012, em um ambiente formal, acadêmico, marcado pelas hierarquias do campo científico. A PUC-Rio é uma universidade dedicada ao ensino, à pesquisa e à extensão, alinhada com princípios da ética cristã. O ginásio da PUC-Rio, à época, era situado no meio do estacionamento que serve à universidade.

O Fórum se baseava em um documento lançado meses antes, em março de 2012, chamado Declaração sobre o Estado do Planeta, fruto da conferência Planet Under Pressure, que destacava a necessidade de mudança de paradigma da ciência diante da nova época do Antropoceno.⁴ Expresso estava

⁴ O conceito de Antropoceno foi difundido por Paul Crutzen, em 1995, como uma nova era geológica que destaca os seres humanos como os maiores vetores de transformações planetárias. Desde então, o conceito vem sendo debatido por especialistas antes de ser adotado oficialmente. Outros autores usam também Capitaloceno, Plantationceno e Chthuluceno. Ver Haraway, 2016b.

o desejo de maior integração, comprometimento e disponibilidade para ação conjunta que permitisse reverter aquilo que fosse possível nesse cenário devastador, ou se adaptar a ele. O evento era fechado para convidados do ICSU ou da PUC-Rio. Pessoalmente, como estudante de doutorado do departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, fui convidada a fazer a relatoria de uma das mesas que posteriormente compôs um dos capítulos do livro *A ciência na Rio+20: uma visão para o futuro*, da PUC-Rio.

À entrada do ginásio, além do detector de metal, havia a verificação do crachá. Na primeira sala, mesas dispostas com publicações sobre os temas do dia, que variaram entre mudanças ambientais, segurança da água, segurança energética, biodiversidade, oceanos, conhecimentos indígenas e ciência, comunicação e mudanças globais e sociais, entre outros. Entrando no ginásio, mesas e assentos enfileirados com espaço para cerca de 400 pessoas, virados para o palco dos debatedores. Os debatedores provinham de universidades e institutos de pesquisa regionais e internacionais dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Índia, Itália, Japão, México, Moçambique, Mongólia, Nepal, Nicarágua, Níger, Noruega, Quênia, Reino Unido, República da Coreia, Senegal, Suécia, Suíça e Zimbábue.

No palco, um púlpito para o mestre de cerimônias. Ar-condicionado, microfones e tradução simultânea, sendo o inglês a língua oficial. Dois telões, cada um em uma extremidade do palco, nos quais se projetaram apresentações em PowerPoint utilizadas pela maioria dos palestrantes. Cada exposição teve duração exata de 10 minutos. Ao final de cada fala, aplausos e perguntas regidas pela cordialidade crítica da diplomacia acadêmica internacional. As vestimentas: calça, camisa social, polo, vestido, *tailleur*, calça e blusa. A esmagadora maioria equipada de tablets, ipads, netbooks e notebooks. O evento fechado para a comunidade científica tinha como objetivo gerar um documento com uma série de indicações a serem entregues na abertura do evento oficial no Riocentro.



Nas falas dos cientistas, percebeu-se um desejo de expressar “evidências verificáveis” e “leis”. Indo de encontro a essa postura dos “detentores do saber científico”, lideranças ligadas à Unesco e ao grupo de estudos de Bruno Latour em Sciences Po, em Paris, desempenharam o papel nesse Fórum de localizar os dizeres científicos diversos como “narrativas”, isto é, versões da “verdade”. Na oficina *Sustainable Development: Narratives of Change*, os facilitadores propuseram uma reflexão sobre como criar as condições necessárias para narrativas de mudança robustas e úteis.

Como fazer comunicar os sistemas abstratos climáticos e de biodiversidade em relação aos quais devemos tomar responsabilidade. Como comunicar com todos nossos entes planetários. Como dialogar com os fantasmas das chamadas futuras gerações para quem devemos agir sustentavelmente. A necessidade de imaginar novas formas de pensamento, vida e ação transformadores - e não apenas buscar soluções técnicas. (UNESCO, 2012)

A dicotomia entre ciência e conhecimento tradicional foi uma das mais contrastantes observadas durante a Rio+20. Houve uma clara tentativa de valorizar o conhecimento tradicional em relação à ciência estabelecida. O painel sobre Conhecimento Indígena e Ciência tinha como objetivo analisar como a governança ambiental global foi transformada pelo engajamento crescente de detentores de saberes locais e indígenas, comunidade científica e formuladores de políticas. O debate se baseou nos desdobramentos do painel Conhecimento Indígena e Futuros Sustentáveis da conferência *Planeta sob Pressão*, que ocorrera em março de 2012. O painel visava explorar

[...] o crescente engajamento colaborativo de detentores de conhecimentos, indígena e científico, na coprodução equilibrada de novos conhecimentos que resultem em soluções inovadoras para os complexos desafios do desenvolvimento sustentável, tais como: uso sustentável

da biodiversidade e avaliação e adaptação à mudança climática. (ICSU, 2012)

Pela primeira vez na história do Fórum, uma das mesas de discussão foi composta por cinco indígenas e representantes de redes indígenas, com mediação de acadêmicos renomados. O objetivo era chamar a atenção dos formuladores de políticas para as populações indígenas e seus conhecimentos, principalmente em relação às mudanças climáticas, para que essas questões fossem incluídas nas recomendações oferecidas pelo Fórum do ICSU à conferência oficial.

Ao convidar outros atores para as rodadas de tomada de decisão, realiza-se o que o fórum de cientistas não costuma ser capaz de fazer: entidades marginalizadas passam a fazer parte das negociações. Seja o espírito do Jaguar Yurupari, o *xapiri pe* dos Yanomami, ou tantos outros entes evocados pelas tradições espirituais diversas que habitam o planeta ganham voz e expressão. Tais reflexões são bastantes consonantes com proposições de pensadores contemporâneos que convocam seres não humanos a participarem dos processos de tomada de decisão (Latour).

Emanuelle Coccia comenta esse devir no prefácio de *O Espírito da Floresta*:

Ao contrário do que temos acreditado, o problema não é a ausência de consciência ou de palavra das outras espécies, mas nossa incapacidade de percebê-las. Todos os animais e todos os seres vivos falam, mas ainda não encontramos a Pedra de Roseta que traduza a linguagem deles para a nossa. É por isso que, à tese da incomunicabilidade entre humanos e não humanos, este livro opõe a de um políglotismo “humanianimal”. (KOPENAWA; ALBERT, 2022)

Haraway evoca entes resultantes de amálgamas biológicos constituídos por fagias bioquímicas que provocam indigestão e criam novos seres complexos. A combinação de partes controversas e contraditórias, para a

autora finalmente permitiria a convivência indigesta com o *outro* em tempos turbulentos...

Essa indigestão, no Fórum ICSU, também se deu entre economistas. Debates em torno do tema da economia verde e a necessidade de repensar os modelos sociais e econômicos atuais destacaram três pontos principais. Em primeiro lugar, foi discutida a importância de desenvolver indicadores alternativos ao Produto Interno Bruto (PIB) para medir o progresso e o bem-estar social. Tim Jackson, autor do livro *Prosperidade sem crescimento*, sugeriu que esses indicadores levem em consideração as capacidades humanas, como acesso à saúde, nutrição adequada, educação e liberdade ética e política. O autor argumentou que o atual padrão de consumo precisa ser combatido e que políticas ambientais sustentáveis deveriam ser embasadas em consenso científico. Hoje o debate sobre decrescimento ainda vem sendo amplamente discutido por autores como Nick Fitzpatrick e Timothée Parrique, mas a ideia parece ter mais aderência quando se trata de países desenvolvidos (FITZPATRICK et al., 2022). O pressuposto seria que países em desenvolvimento (ou de média-baixa renda) precisariam de estímulos de crescimento antes de atingirem um grau de bem-estar que permita-os desacelerar.

No Butão, o indicador Felicidade Interna Bruta (FIB) busca integrar o desenvolvimento material com aspectos psicológicos, culturais e espirituais, em harmonia com o meio ambiente. Susan Andrews, coordenadora do FIB no Brasil, destacou a necessidade de buscar métricas adicionais de bem-estar para orientar políticas públicas, indo além do foco centrado no PIB. Também são mencionados outros países, como o Reino Unido, que investem em políticas de promoção do bem-estar.

Entre os economistas tem havido por muito tempo uma forte convicção de que o PIB não é uma boa métrica, não mede as mudanças em bem-estar. Se os líderes Obama, Dilma, Sarkozy, agora o novo presidente da França,



estão tentando maximizar o PIB e o PIB não é uma boa métrica, estamos maximizando a coisa errada. O primeiro-ministro do Reino Unido diz que mensurar o bem-estar é uma das questões políticas centrais do nosso tempo, e o Butão que levantou esse assunto nas Nações Unidas em Assembléia decretou, convidou Estados do mundo inteiro a buscar métricas adicionais de bem-estar para orientar suas políticas públicas, o que já está acontecendo no Canadá, na Austrália, no Japão — é um vírus positivo se espalhando no mundo inteiro. (Susan Andrews, Seminário FIB, 2012)

Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, defendeu que o problema mundial atual não seria apenas ecológico, mas político, e reforça a importância da felicidade humana como elemento central do meio ambiente.

Estamos governando a globalização ou a globalização nos governa? É possível falar de solidariedade e de estarmos “todos juntos” em uma economia baseada na competição implacável? Até onde vai nossa fraternidade? Não estou dizendo isso para negar a importância deste evento. Pelo contrário: o desafio que temos pela frente é de uma magnitude colossal e a grande crise não é ecológica, é política. O homem não governa hoje as forças que desencadeou, mas sim as forças que desencadeou governam o homem. E a vida. Porque não viemos ao planeta apenas para nos desenvolvermos, de forma geral. Viemos ao planeta para sermos felizes. Porque a vida é curta e se vai. E nenhum bem vale tanto quanto a vida, isso é fundamental. Mas se a vida vai escapar de mim, trabalhando incansavelmente para consumir um “extra” e a sociedade de consumo é o motor – pois, afinal, se o consumo parar, a economia para, e se a economia para, o fantasma da estagnação surge para

cada um de nós – é esse hiperconsumo que está agredindo o planeta. (Pepe Mujica, UNCSD, 2012)

Para atualizar esse debate, vale lembrar que a necessidade de repensar os modelos econômicos e desenvolver indicadores alternativos ao PIB para medir o progresso e o bem-estar social embasaram o livro *Doughnut Economics*, publicado em 2017, pela economista Kate Raworth. A autora propõe uma leitura sistêmica de indicadores sociais, econômicos, políticos e ambientais que dê conta dos limites planetários. Tal modelo, que promete traduzir a visão de “economistas do século XXI”, foi adotado pela cidade de Amsterdã e vem sendo difundido em outras cidades e até mesmo países, como Portugal (*Doughnut Economics*). Por um lado, é um modelo criativo que toca os problemas da economia *mainstream*, por outro – e esse é um dos dramas da ciência –, ainda carece de dados empíricos que comprovem sua eficácia.

Cúpula dos Povos

O lema oficial da Cúpula dos Povos foi: “Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental — em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida”. A Cúpula tem como antecedente o Fórum Global da Eco-92, o primeiro momento em que tantas instituições, formais e informais, do campo da sociedade civil organizada ou não, se reuniram para discussão de temas locais e globais contemporâneos, motivadas pelo encontro das Nações Unidas. O Fórum Global marcou com clareza suas diferenças e resistências em relação às discussões oficiais, que ocorreram no Riocentro. Este trecho da Declaração do Rio é uma amostra do tom daquele encontro:

Recusamos energeticamente que o conceito de desenvolvimento sustentável seja transformado em mera categoria econômica, restrita às novas tecnologias e subordinada a cada novo produto no mercado. Permitir que isso seja feito significa garantir a continuação da reprodução da pobreza e da riqueza estruturais,



decorrentes do modelo de civilização dominante que denunciaremos. (Declaração do Rio de Janeiro, 1992)

A partir de 2001, os Fóruns Sociais Mundiais (FSM) foram criados em uma espécie de continuação ideológica ao Fórum Global, em oposição direta ao Fórum Econômico Mundial de Davos. Os FSM ocorrem anualmente, propondo serem espaços para reflexão de temas relevantes aos movimentos sociais, buscando “alternativas às políticas neoliberais”, sob o lema de que “outro mundo é possível” (FSM, 2014). A visão “altermundista” atesta a forte continuidade entre as lideranças atuantes no FSM e aquelas na organização da Cúpula dos Povos.

A Cúpula dos Povos era uma passagem necessária para os ativistas do desenvolvimento sustentável, também chamados “convertidos”. Pertencer ao grupo da Cúpula dos Povos era sinal de *status*: nesses grandes eventos há por parte de alguns frequentadores relativa expectativa de que neles ocorram palestras, encontros e momentos históricos, o que termina conduzindo à participação, mesmo que para muitos o resultado raramente seja de todo satisfatório, até porque ativistas de movimentos sociais costumam ser críticos incansáveis (CASTELLS, 2016)...

Vamos à descrição territorial da Cúpula dos Povos: o acesso se dava por quaisquer das passarelas que ligam os bairros do Catete, da Glória e do Centro ao Aterro do Flamengo, que é composto pelo Parque Brigadeiro Eduardo Gomes e o Parque do Flamengo. Ao todo, possui 1.200.000 m². Essa região é fruto de um projeto do governo Carlos Lacerda, nos anos 1960. Aliado a um projeto de modernização viária para a ligação entre o Centro e a Zona Sul da cidade, além de ter servido à integração de diversos equipamentos urbanos — o Aeroporto Santos Dumont, o Museu de Arte Moderna e o Iate Clube —, foi destinado a ser uma área de lazer, recreação e esporte, com paisagismo de Burle Marx. O Aterro vem sediando eventos de grande porte desde 1992, quando ocorreu o Fórum Global.

Portais com faixas dizendo “Cúpula dos povos: na Rio+20 por justiça social e ambiental” demarcavam as entradas nesse espaço. Tendas de lona branca com nomes como Egidio Brunetto, fundador da Via Campesina Internacional, Clara Zektin, figura histórica do feminismo, Abdias do Nascimento, militante pela igualdade racial, Maria Bonita, rainha do cangaço, Chico Mendes, militante seringueiro e ambientalista, entre outras trinta, espalhadas por todo o gramado. As atividades, “autogestionadas”, foram promovidas por organizações não governamentais e movimentos sociais brasileiros e internacionais que haviam se inscrito meses antes. No caminho entre uma e outra atividade, avistava-se pessoas vendendo artefatos, e pelo menos uma vez ao dia formavam-se marchas temáticas, pelos direitos das mulheres, contra o sistema capitalista, contra a mercantilização da vida...

O clima era descontraído. Os trajés eram dos mais heterogêneos, mas normalmente prezavam pelo conforto — nada de roupas apertadas, saltos altos, brilho. Vestiam-se bermudas, camisetas, vestidos, calças e batas esvoaçantes. Uma estética natural, informal, relaxada. O público da Cúpula dos Povos se arrumou para parecer desencanado. A disposição dos eventos normalmente era circular, com cadeiras de plástico branco, o que propiciava uma maior interação com o público. Era comum ouvir aplausos no meio das falas, principalmente quando vinham dos mais conhecidos ícones, como Marina Silva, Vandana Shiva, Leonardo Boff e Boaventura de Sousa Santos. Bandeiras, sinais de protesto, faixas com mensagens militantes ornamentavam os espaços. Apesar da programação formal divulgada em website, a melhor forma de se inteirar dos eventos eram cartazes colados em totens com mapas de localização. Segundo estimativas, calcula-se que entre 20 e 30 mil pessoas tenham passado por esse espaço diariamente (entre os dias 15 e 23 de junho de 2012).

A gramática da Cúpula dos Povos era bastante variada. Como a diversidade de atores era imensa, também era amplo o espectro de desejos e

plurais as linguagens de expressão adotadas pelos participantes. Esquemáticamente, podemos identificar os transeuntes curiosos, que estiveram lá para ver o que estava acontecendo, os participantes ativos, que estudaram a programação e buscaram ir a eventos selecionados, os organizadores das tendas, que ficaram responsáveis por eventos previamente inscritos, e a equipe de organização da Cúpula, composta por militantes ativos, que era responsável por todo o funcionamento do evento — desde a programação até a organização das plenárias e a disponibilização de equipamentos para a realização das atividades nas tendas.

Vale notar que o termo “convergência” foi usado pela organização da Cúpula dos Povos para nomear os momentos em que os relatores geravam sínteses dos debates ocorridos em cada uma das dezenas de tendas espalhadas pelo aterro (Plenárias de Convergência), em uma tentativa de se fazer articular miríades de agendas e demandas da sociedade civil. Tais sínteses resultaram em um documento chamado Declaração Final da Cúpula dos Povos na Rio+20, cujo terceiro parágrafo expressa claramente suas divergências em relação à Conferência oficial da ONU:

As instituições financeiras multilaterais, as coalizões a serviço do sistema financeiro, como o G8/G20, a captura corporativa da ONU e a maioria dos governos demonstraram irresponsabilidade com o futuro da humanidade e do planeta e promoveram os interesses das corporações na conferência oficial. Em contraste a isso, a vitalidade e a força das mobilizações e dos debates na Cúpula dos Povos fortaleceram a nossa convicção de que só o povo organizado e mobilizado pode libertar o mundo do controle das corporações e do capital financeiro. (Cúpula dos Povos)

Além da programação de manifestações previstas listada abaixo, surgiram acontecimentos espontâneos paralelos à agenda original da Cúpula.

Entre eles, destaco, especialmente em vista das Jornadas de Junho de 2013, manifestações que tomaram lugar nas ruas do Rio de Janeiro durante aquela semana.

- no dia 17 de junho, a Vigília Inter-religiosa, no Aterro;
- no dia 18, a Marcha das Mulheres, saindo do Sambódromo em direção ao Aterro;
- no dia 19, o Encontro do Povo da Cultura, na Praça Tiradentes;
- no dia 20, a Grande Mobilização que antecedeu a Grande Marcha, que caminhou da Candelária até a Cinelândia.

Dentre os acontecimentos paralelos não programados, houve uma série de pequenas e médias aglomerações sob uma variedade de bandeiras, como a Marcha da Maconha, um ato contra a Vale, a ocupação por indígenas dos jardins do BNDES, a Marcha a Ré da Rio+20.

A marcha contra as transnacionais atacava a exploração ambiental e social das grandes empresas brasileiras que atuam no exterior. Começou no Aterro e terminou em frente ao prédio da Vale, onde foram projetadas imagens sobre a atuação abusiva das transnacionais na fachada do prédio da empresa, enquanto lideranças de movimentos sociais discursavam. Foram cerca de 3 mil participantes. Contudo, embora faltasse clareza de objetivo do porquê da marcha para os que se juntavam espontaneamente, como eu, via-se uma ordem, com clara definição de percurso, lideranças orientando o enfileiramento dos participantes, sempre com uma distância de dois metros entre filas. Ouviam-se gritos de guerra ensaiados, sempre puxados por algumas poucas pessoas e repetidos por uma grande maioria. Um organizador chamava atenção de um dos manifestantes que tentava passar de uma fila para outra, exigindo em alto e bom tom que retornasse à fila.

Quando indagado sobre a diferença entre os tipos de marcha, um conhecido do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) explicou que esse tipo de marcha se origina de um forte “trabalho” anterior de mobilização para



a “luta”. Esse trabalho é realizado em rede, por instituições como a articulação da Via Campesina e os Movimentos dos Sem-Terra, dos Pequenos Agricultores, das Mulheres Camponesas e dos Atingidos por Barragens, além do mais recente Levante da Juventude, para citar alguns. Essas organizações atuam em reuniões direcionadas, nas quais a importância de cada luta é salientada. A ideia de *formação* dos integrantes dos movimentos vem reforçar a noção de que eles agem por uma ideologia compartilhada que é sistematicamente construída e ensinada.

A Marcha Global foi mais abrangente. Reuniu cerca de 80 mil com ou sem vínculo institucional a qualquer organização ou movimento formal. Não havia filas ou vigilantes, as pessoas se agrupavam por afinidade e os gritos de guerra eram os mais diversos, institucionalizados ou não. Essa marcha – mais descontraída, posto que menos ordenada e castradora das manifestações individuais – guardava semelhança com blocos de Carnaval, em que cada participante desempenhava o papel que lhe cabia, solitariamente ou acompanhado, e ali estava por causas particulares, que provavelmente iam na mesma direção, mas sem coordenação. A diferença é que a marcha desaguou na Cinelândia, em uma imensa concentração de gente empunhando bandeiras e falas apaixonadas, seja do alto ou de baixo dos carros de som. A tônica — ir contra o capital — era o que unia os discursos proferidos. Esse tipo de manifestação, diferente da anterior, para o informante supracitado, seria fruto de um “levante espontâneo das massas”, em oposição aos atos mais organizados, fruto do dito “trabalho” de “luta”.

Em contraste, tivemos manifestações já descritas, como as marchas e as ocupações que, por meio de gritos de guerra, “ei, Dilma, desliga a motosserra”, “quem não pula é ruralista”, “o povo unido jamais será vencido”, bandeiras e faixas, “por um mundo verde e justo”, “la tierra no se viende, la tierra se defiende” (AZAMBUJA, 2012), expunham sua indignação, como apontou a *Declaração Final da Cúpula dos Povos*, com a “causa estrutural da crise global”, o “sistema capitalista patriarcal, racista e homofóbico” (DECLARAÇÃO FINAL,

2012), que guardam afinidade com o que uma das coordenadoras do Comitê Facilitador da Sociedade Civil propôs na primeira reunião do GT Rio, em junho de 2011:

Direito não se adquire nem se ganha, se luta por. É nesse processo de contradição que se constrói a luta por direitos. O mundo está melhor porque nós executamos nossa missão por briga por direitos. Hoje nós temos onde nos agarrar para fazer essa luta. Qual é o movimento que faz com que indivíduos tenham consciência política? Ou somos capazes de colocar pessoas na rua reivindicando direitos, ou nada ocorrerá. (Membro do comitê facilitador da sociedade civil, GT-Rio, 2011)

Além das marchas, outras multidões, em diferentes escalas, ocuparam o espaço público. A Ciranda da Paz ocorreu nas areias da Praia do Flamengo, reunindo cerca de 30 pessoas de diversas origens com uma hora de duração. Consistiu em uma ciranda de cânticos, dança circular e palavras como “que a chama da paz ilumine, aqueça e habite o coração da humanidade”. Tinha por objetivo emanar energias para os tomadores de decisão, do outro lado da cidade, no Riocentro.

Nós passamos parte do dia discutindo coisas bastante objetivas ligadas à água, ligadas ao uso do solo, ligadas a ecovilas, ligadas aos desafios das cidades e, ao final do dia, viemos para o Aterro, aqui para a praia, para fazermos um ritual. Esse ritual é um ritual no qual nós trouxemos uma chama de esperança, uma chama de confiança na transformação a partir dessa luz que as reflexões que a gente está tendo aqui na Rio+20 que está tocando o coração de todo mundo, que essa chama possa se ampliar e se transformar em compromissos reais. Nada melhor do que transformar acordos racionais em celebração de alma, celebração de coração. Esse ritual

reuniu várias pessoas, de várias formações de várias parte do Brasil que trouxeram naquele momento de mãos dadas, nossos corações estavam unidos nessa chama de confiança num futuro sustentável, num futuro com amor, num futuro de harmonia entre todas as pessoas. (UnBTV na Rio+20: Ciranda da Paz)

O tensionamento que movimentos sociais plurais postos em contato expressam demandam um entendimento aprofundado da distinção que Louis Dumont faz entre individualismo e holismo:

Assim, quando falamos de “indivíduo”, designamos duas coisas ao mesmo tempo: um objeto fora de nós e um valor. A comparação obriga-nos a distinguir analiticamente esses dois aspectos: de um lado, o sujeito empírico que fala, pensa e quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como a encontramos em todas as sociedades; do outro, o ser moral independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente não social, portador dos nossos valores supremos, e que se encontra em primeiro lugar em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade. Deste ponto de vista, existem duas espécies de sociedades. Quando o Indivíduo constitui o valor supremo, falo de individualismo; no caso oposto, em que o valor se encontra na sociedade como um todo, falo de holismo. (DUMONT, 2000, p. 37)

Nesse sentido também vale lembrar a contribuição do filósofo francês Luc Ferry que o individualismo não se opõe ao altruísmo. O individualismo não exclui necessariamente o interesse pelo coletivo, o desejo por pertencer a comunidades, o “interesse pela coisa pública”, mas “ele exige apenas que esse pertencimento seja livremente escolhido e não imposto de fora pela tradição, como nas tribos e sociedades selvagens” (FERRY, 2010, p. 47). Por isso, o

individualismo se opõe ao holismo, que gera “comunitarismos impostos”, fruto do “peso das tradições herdadas” (FERRY, 2010, p. 47).

O contraste entre perspectivas mais individualista-coletivas e holistas ficou bastante evidente na tenda Gaia Home, organizada por um movimento de ecovilas ligado ao programa Educação Gaia para a Sustentabilidade. Além de abrigar cirandas ao som de canções como “tudo que você tem não é seu, não é seu; só é seu aquilo que você dá, só é seu”, a tenda Gaia Home sediava os Conselhos Gaianos. No início e no final de todos os dias da Cúpula os participantes eram convidados a se sentarem em círculo ao redor de um centro ornado por objetos simbólicos, como exemplares da flora local e pedras em arranjo. Nesse contexto, o “bastão da fala”, instrumento ritual, concedia a palavra a quem o empunha e o dever de escutar aos demais.

Em um dos conselhos gaianos, os participantes foram convidados a falar após a seguinte introdução:

Em um conselho aberto, conectados à terra e à nossa essência, compartilhamos o que nosso coração deseja expressar. Priorizamos a essência do que sentimos, comunicando de forma concisa para que mais pessoas possam falar. Nesse momento, nos conectamos com nossa intuição e expressamos o que sentimos para todos presentes. Utilizamos o bastão da fala, permitindo que aqueles que o seguram se expressem, enquanto os outros ouvem com compaixão. Abrem-se as portas para a luz, o amor e a verdade, fortalecendo nossa união e cocriando o bem, a beleza e o amor. Sou M., assim falei, hey! [Todos respondem: Ho!](Gaiana, Cúpula dos Povos, 2012)

Após muitas manifestações de alegria, alívio e satisfação por estar naquele espaço, surgiu de uma jovem indígena uma das críticas mais marcantes. Emocionada, ela lamentava a “exotização” do indígena

presenciada na Cúpula dos Povos, chorava pela devastação de suas terras e pelo suicídio de seus pares:

Mesmo nessa solenidade, o meu espírito está muito angustiado, muito triste, porque na guerra não há tempo para cânticos. Nós indígenas estamos em guerra. Encontrei uma moça que “tava” muito feliz ontem, e ela falou: “Nossa, nunca imaginei encontrar tanto indígena [...]”, pra nós é triste ser algo tão raro. Ser algo tão diferente. No primeiro dia eu me enfeitei toda, mas eram tantas câmeras que eu não senti mais graça ali dentro, se eu me pintava parecia um bicho exótico, ficavam tirando fotos pra levarem pra casa e falarem: olha, conheci um índio. [voz de choro] Nossas lideranças estão sendo corrompidas. E na luta a gente percebe que a gente tem que, sim, ter a ingenuidade e a humildade da pomba, mas também a astúcia da serpente, e não dá pra ser só uma serpente, e não dá pra ser só humilde, não dá pra ser só paz. Mesmo que não seja de sangue, a gente quer manchar as nossas mãos, mas a gente vai ter que manchar com alguma coisa. Então eu pensei: pra aquela menina era muito bom né, porque pro meu povo só esse ano foram 12 suicídios em um povo de 2 mil pessoas, todos de 15 a 20 anos. Na ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, já saiu no *Diário Oficial*, que o governador vai passar a Transbananal. E todos sabem do Belo Monte, todos sabem dos grandes empreendimentos, todos sabem da técnica desses deputados e senadores corruptos que querem tomar a terra do rio [...] a qualquer preço, pois são de uma bancada ruralista, e todo mundo sabe, todo mundo sabe tudo e ninguém faz nada. [fala chorando] É muita hipocrisia, muita. Não é só a gente que está em guerra, esse país também não é de vocês não? [chorando mais] A

água também não é de vocês não? [fala chorando] Hoje o bicho que “tá” lá, não é de vocês também não? Gosto muito de ser brasileira, gosto muito de ter todos vocês aqui, desculpa trazer tantas celebrações angustiantes em um ambiente que estava tão feliz, mas não deu pra conter. (Indígena, Cúpula dos Povos, 2012)

Se pudermos buscar um denominador comum entre os mais ávidos militantes e os participantes neo hippies espirituais na Cúpula dos Povos, proporia que as falas da Cúpula vinham mais do lugar da presença (corporal, inclusive) do que da reflexão acadêmica formal. Se as narrativas da Ciência buscam, analiticamente, regularidades, universalidades, exceções, particularidades, almejando leis, as da Cúpula enfatizam a corporalidade vivida e sentida, a experiência vivencial, o testemunho ocular. Aquelas pessoas estavam ali motivadas por um ímpeto profundo de mudança, para dar sentido ao caos em que vivem, para que a vida seja mais viável quando compartilhada em uma comunidade de interesses. Mais do que profissionais de qualquer assunto, estiveram lá de corpo e alma, “fazendo seu papel”, criticamente e com emoção, esbanjando indignação, mas também esperança em um mundo melhor. Ainda que compartilhando o espaço enquanto sociedade civil, a diversidade de pleitos era tão grande que talvez o único ponto em comum fosse algum nível de crítica ao modelo capitalista e seus “povos da mercadoria”, mesmo quando se tratava de autocrítica (KOPENAWA; ALBERT, 2022).

Humanidade 2012

No Forte de Copacabana, ocorria o Humanidade 2012, evento organizado pela Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de São Paulo e do Rio de Janeiro e pela Fundação Roberto Marinho. O Forte, concebido no final do século XIX, compunha o sistema defensivo da cidade. Seu maior objetivo era impedir a aproximação de navios inimigos na Baía de Guanabara. Tendo sediado em sua história diversos eventos significativos para a história do Brasil, como o Levante dos 18 do Forte, servido como prisão de Washington Luís, presidente deposto pela Revolução de 1930, e reunido o Comando Revolucionário em 1964, desde 1987 não serve mais à função bélica, mas, sim, cultural.

Uma megaestrutura de andaimes abrigou espaços para exposições sobre o Antropoceno, o impacto da humanidade nos recursos planetários e celebrações sobre os pensadores da história da humanidade, em uma mistura de arte e informação. Auditórios e salas dedicadas a oficinas temáticas onde se reuniram grandes empresários, acadêmicos e pensadores da atualidade.

A novidade aqui em relação à Eco-92 foi o engajamento notável das empresas, na esteira da responsabilidade social. Seja buscando melhorias em imagem ou em desempenho, vimos que no discurso empresarial, o que mais importava era seu poder de persuasão. O bem oferecido deve aparentar maior e mais significativo que o dano provocado, e por isso a importância das assessorias de comunicação e marketing, e sua estreita relação com os departamentos que lidam com responsabilidade social.⁵

Evento aberto ao público e amplamente divulgado nos meios de comunicação de massa, filas de centenas de visitantes se formavam todos os

⁵ A medida em que isso ainda se confere nos dias de hoje poderia ser objeto de um outro estudo.

dias. Estima-se que o evento tenha recebido cerca de 210 mil visitantes ao longo de toda a sua duração (11 a 22 de junho de 2012). O público era variado, de crianças em grupos escolares a famílias, empresários, famosos... O auditório, usado para os debates principais, tinha cadeiras de praia como assento, enfileiradas e dispostas de forma inclinada, permitindo uma boa visão do palco por parte de toda a plateia.

No Humanidade 2012, um então megapresidente, um dos homens mais ricos do Brasil, no debate Sustentabilidade Empresarial e Governança, narra seu projeto para uma região portuária de alta relevância para a logística nacional.

O Superporto já está trazendo desenvolvimento para o Norte Fluminense. Com base no crescimento populacional esperado para a implantação do Superporto do Açú, a Y, empresa do Grupo YYY, que atua no setor imobiliário, elaborou um projeto urbanístico para a construção de um *bairro planejado* em São João da Barra, promovendo o *crescimento ordenado* da região, *evitando a favelização*. Esse bairro receberá 270 mil pessoas e tem o projeto assinado pelo reconhecido arquiteto José Louvres [nome fictício]. — Esse empreendimento não pode trazer *nenhum prejuízo ao meio ambiente* e principalmente *total integração com a cidade* e *criar condições para melhorar a qualidade de vida* para que esse empreendimento seja um exemplo não só de logística, mas um exemplo de como conceber uma cidade nova, uma contribuição. O bairro fica a dez quilômetros do Superporto do Açú, vai ter condomínios residenciais e comerciais ligados por canais e lagoas artificiais, incentivando o uso do transporte aquaviário. Será a Veneza dos trópicos e terá o *nome escolhido pela população da região*. A realização de um projeto como esse exige *responsabilidade*. É preciso investir no *bem-estar da*

população e na preservação ambiental da região. São iniciativas que promovem a dignidade, geram emprego, renda e melhores condições de vida. O grupo YYY sempre assume e implementa compromissos socioambientais no início de cada um de seus projetos. No Norte Fluminense, estamos desenvolvendo mais de 50 programas socioambientais, mais de 150 milhões já foram investidos. (Empresário, Humanidade 2012; grifos nossos)

Fora os investimentos na referida cidade, o empresário havia prometido 2 bilhões de reais por ano às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) cariocas. Mal pude avistá-lo no segundo seguinte ao final do discurso, tamanho era o número de jornalistas, repórteres, fotógrafos e curiosos que se amontoaram ao seu redor.

Sabemos que, mesmo no ramo corporativo, tal empresário era visto como arrojado, por muitos até mesmo imprudente, e isso ficou evidente depois de sua falência, a partir de 2013. Contudo, se remontarmos à Rio+20, esse empresário ainda era visto como um corajoso e sedutor investidor. Segundo o relato de um ex-funcionário seu da área comercial, em palestras internas do Grupo, ele arrancava aplausos da plateia mesmo quando o conteúdo expresso parecia o maior dos absurdos, o mais alto dos devaneios.

Vimos nesse exemplo o que uma campanha de marketing institucional pode fazer ao se tratar de vender um ideal, um fetiche. Foi justamente devido à apropriação indevida ou exagerada das narrativas de sustentabilidade por empresas que, na COP 27, de 2022, a ONU lançou o relatório *Integrity matters: net zero commitments by Businesses, Financial Institutions, Cities and Regions* (ONU, 2022). O relatório destaca maneiras de detectar práticas de *greenwashing*, quando empresas dizem que estão fazendo mais em relação à sustentabilidade do que realmente estão.

No meio empresarial, hoje ainda há uma novidade, a tendência pouco estudada do neo ruralismo, uma espécie de gentrificação do campo, que trata

da privatização do meio rural, com grandes propriedades compradas por gigantes empresariais que restringem acesso a paraísos ecológicos e fundam aí seus feudos benfeitores de restauração ecológica, produção agroflorestal e cuidados com a biodiversidade, chegando, inclusive, como é o caso do Projeto Ibiti,⁶ a comprarem vilarejos inteiros que passam a usar como sede de seus megaempreendimentos ecoturísticos sustentáveis.

Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

Finalmente, como pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), pude participar da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, na qual estavam representantes de governos, empresários, palestrantes convidados e membros de organizações não governamentais. O Centro de Convenções do Riocentro está localizado no bairro de Jacarepaguá. É o maior da América Latina, abrangendo cerca de 100 mil m², com um parque de 570 mil m². Inaugurado em 1977, abrigou acontecimentos de grande repercussão: em 1981, o atentado do Riocentro, durante um show em comemoração ao Dia do Trabalhador; em 1992, a Unced; as Bienais do Livro; e outros diversos eventos temáticos.

Chegava-se ao Riocentro, que fica a mais de 20 quilômetros de distância dos demais locais destinados a eventos da Rio+20, – que levou a um dos palestrantes a jocosamente apelidar o evento de “Rio+20 quilômetros” –, com ônibus fretado, no qual só entravam portadores de crachás com autorização para ingressar, ou em carro particular.

Ocupando imensos pavilhões, dezenas de salas sediavam os eventos paralelos (chamados *side events*), enquanto em um espaço restrito aos representantes governamentais ocorria a conferência oficial, também retransmitida no pavilhão da praça de alimentação, onde havia um

⁶ Ver <https://ibiti.com/>. Acesso em: 12 jul. 2023.



minimercado Pão de Açúcar, além de *stands* do McDonalds, Mega Matte, entre outras cadeias de fast-food e cafeterias. Nesse espaço, foi curioso notar que, ao lado das latas de coleta seletiva, havia sempre dois vigilantes vestindo camisetas com a inscrição “Sou catador — educador ambiental”, que ensinavam onde dispensar o lixo, se onde escrito “recicláveis” ou “não recicláveis”. E nisso constatamos em que estágio estamos da consciência sobre aquilo que consumimos. Descartar lixo adequadamente é mais complexo do que se pode imaginar.

Como resultado da UNCSD, governantes e representantes de alto escalão governamentais elaboraram um documento chamado O futuro que queremos. Os 283 parágrafos que compõe o documento são a maior evidência da pluralidade de visões de mundo que ele reúne: na falta de consenso ou capacidade de síntese, uma compilação dos desejos para esse futuro incerto e arriscado que todos, – nesse caso, sim, todos, universalmente –, têm pela frente. Tal documento atesta, finalmente, os desafios da democracia que terminaríamos observando a partir do ano seguinte, nas ruas do Rio de Janeiro, nas Jornadas de Junho (UNCSD).

Pela contação de histórias em tempos turbulentos

Este artigo buscou resumir vivências de onze anos atrás que pudessem jogar luz sobre as Jornadas de Junho. Tomando como foco o evento Rio+20, ocorrido no Rio de Janeiro em 2012, ofereceu um mapeamento físico e filosófico do que se passou ao longo de duas semanas na cidade, destacando narrativas em torno do disputado conceito de desenvolvimento sustentável.

É evidente que, desde 2012, foram muitos os eventos que ajudaram a redesenhar o espaço público, fora as próprias multidões daquele junho de 2013. Oxalá este relato de eventos que se deram em 2012 tenha sido capaz de evidenciar a diversidade de concepções de desenvolvimento sendo disputadas e demandando legitimidade no período que antecedeu as Jornadas de Junho: cientistas buscando seu “outro” nos conhecimentos tradicionais, e



vice-versa; a economia buscando formas alternativas de mensuração de desenvolvimento em suas versões mais sustentáveis e verdes; governos buscando entender os desafios da governabilidade diante do pleito democrático cujo pressuposto fundamental é a diversidade; empresas buscando protagonismo na agenda ambiental, apesar da falta de histórico, embasamento e portanto legitimidade para tanto.

Para promover entendimento a partir de encontros indigestos, inflamados e contraditórios, talvez precisemos evocar outros diálogos, e, quiçá, outras linguagens, fora a verbal. Tal foi a bela tentativa de fazer dialogar, por exemplo, a matemática e o xamanismo, narrada em *O espírito da floresta*, que ensina que a esperança reside na insistente capacidade de nos contarmos histórias uns aos outros. Como convida o matemático ganhador da Medalha Fields de 2010, Cédric Villani, ao conversar com o xamã Yanomani, Davi Kopenawa, nesse livro:

Para captar a atenção, as histórias devem ser inesperadas e harmoniosas, chaves e cruéis. A figura do contador é certamente importante e universal. O contador pode ser científico ou xamânico, trata-se de uma questão de comunhão. “É nosso dever contarmo-nos histórias uns aos outros” dizia o grande contador Neil Gaiman. (KOPENAWA; ALBERT, 2022)

Referências

- ABONG. 2014. *Metodologia da Cúpula dos Povos*. Disponível em: <http://nogreeneconomy.org/pt-br/dinamica-e-metodologia-da-cupula-dos-povos/>.
- ABREU, A.; REGO, L. F. (Org.). 2013. *A Ciência na Rio+20: uma visão para o futuro*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; NIMA.
- AZAMBUJA, C. 2012. *Sequence shot of Cúpula dos Povos march. La cumbre de los pueblos. People's Summit*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RzE2N-1QXAk>.
- BRAGA, R. 2013. "As jornadas de junho no Brasil: crônicas de um mês inesquecível". *OSAL*. ano XIV, n. 34, nov. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n87x83c>.
- BRUNDTLAND. 1991. *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2. ed. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.
- CASTELLS, M. 2013. *Redes de esperança e de indignação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CEBDS. 2014. Centro Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <http://www.cebds.org.br/associados-cebds/>.
- DECLARAÇÃO do Rio de Janeiro. Fórum Global, 1992. Disponível em: http://www.aspan.org.br/tratado_ongs/40-declaracao_do_rio_de_janeiro.pdf.
- DECLARAÇÃO FINAL – Cúpula dos Povos na Rio+20 por justiça social e ambiental em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida. 2012. Disponível em:



<http://www.secretariageral.gov.br/internacional/consultapos2015/declaracao-cupula>.

DOUGLAS, M. 1992. "Risk and blame". In: DOUGLAS, M. *Risk and blame: essays in cultural theory*. Londres: Routledge.

DRYZAC, J. 2000. *Deliberative democracy and beyond. Liberals, critics, contestations*. Oxford: Oxford University Press.

DRYZAC, J. 2015. "Institutions for Anthropocene. Governance in a changing system". *British Journal of Political Science*. Feb. p. 1-20. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0007123414000453.

DUMONT, L. 2000. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

ECO, U. 1999. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.

EINSTEIN, A. 1946. "The real problem is in the hearts of men". *New York Times Magazine*, 23 jun. 1946.

ESCOBAR, A. 2014. "Atores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática das ciências". In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez.

FIB. 2012. *Felicidade Interna Bruta*. Disponível em: <http://www.felicidadeinternabruta.org.br/sobre.html>.

FITZPATRICK et al. 2022. "Exploring degrowth policy proposals: a systematic approach with a thematic synthesis". *Journal of Cleaner Production*. vol. 365, set. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959652622023629>.



FSM. 2014. *Fórum Social Mundial*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br>.

HARAWAY, Donna. 2016a. *Staying with the trouble*. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374763/mod_resource/content/o/Haraway-

[Staying%20with%20the%20Trouble_%20Making%20Kin%20in%20the%20Chthulucene.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374763/mod_resource/content/o/Haraway-).

HARAWAY, Donna. 2016b. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno e Chthuluceno: fazendo parentes”. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/o/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf.

ICSU. 2014. *International Council of Science*. Disponível em:

<http://www.icsu.org>.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. 2022. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras.

KOPENAWA, D. 2013. *The fallen sky: words of a Yanomami shaman*. Harvard: Harvard University Press.

LATOUR, B. 2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp.

LATOUR, B. 2013. *Facing Gaia: six lectures on the political theology of nature*. Gifford Lectures.

LATOUR, B. 2004. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. São Paulo: Edusc.

MARTINEZ ALIER, J. 2007. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo: Contexto.

NO GREEN ECONOMY. 2014. *Dinâmica e metodologia da Cúpula dos Povos*.

Disponível em: <http://nogreeneconomy.org/pt-br/dinamica-e-metodologia-da-cupula-dos-povos/>.

RADAR RIO+20. 2013. *Radar Rio+20*. Disponível em:

http://www.radarrio20.org.br/index.php?r=site/local&tema=parque_atletas&id=2.

UN. 2022. “Integrity matters: net zero commitments by Businesses, Financial Institutions, Cities and Regions”. Disponível em:

https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/high-level_expert_group_n7b.pdf.

UNB NA RIO+20. 2012. *Ciranda da paz*. Disponível em:

<http://youtu.be/bVbE7KKkP8M>.

UNCSD. 2012. “The future we want”. Disponível em:

http://www.rio20.gov.br/documentos/documentos-da-conferencia/o-futuro-que-queremos/at_download/the-future-we-want.pdf.

UNEP. 2013. *Declaration of the United Nations Conference on Human Environment*.

Disponível em:

<http://www.unep.org/Documents.Multilingual/Default.asp?DocumentID=97&ArticleID=1503&l=en>.

UNESCO. 2012. *Sustainable development: narratives of change*. Workshop at the ICSU Forum.

UNFCCC. United Nations Framework Convention on Climate Change.

Disponível em: <http://unfccc.int/2860.php>.